

Jornais do mundo discutem situação do País

Enfoque é sobre o fracasso do pacote do FMI em animar o mercado financeiro

Depois que o anúncio de um megapacote de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil fracassou em animar o mercado financeiro, a situação do País é cada vez mais discutida na imprensa mundial e nos altos círculos financeiros.

Ontem, o Brasil foi tema de um artigo do ex-economista-chefe do Banco Mundial e professor da Columbia Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia de 2001, no jornal *The New York Times* (ver na pág. 5). Stiglitz, atualmente o crítico mais notório das políticas do FMI para países emergentes, diz que "o mundo está esperando para ver como o mercado julgará o Brasil" e se o pacote do FMI puxará o País da beira do abismo.

O economista concorda com a "quase unânime" avaliação de que os fundamentos da economia brasileira são bons, elogia o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e sua equipe, além de dizer que o País tem instituições financeiras, educacionais e de pesquisa de primeira linha. O economista propõe uma abertura maior

ARTICULISTA
PERGUNTA SE
O BRASIL PODE
SER SALVO

dos mercados mais ricos, como uma redução de tarifas emergencial, para estimular toda a região.

O articulista do *Washington Post* Robert J. Samuelson pergunta se o Brasil pode ser salvo. "Apesar de endossarem um superávit primário, os candidatos de esquerda criticam as políticas que o produziram. Investidores continuam receosos. A taxa de câmbio e o mercado acionário enfraqueceram. Umas das razões é que os bancos estrangeiros estão reduzindo empréstimos em dólares para empresas brasileiras (segundo o noticiário), neutralizando o empréstimo do FMI."

Segundo Samuelson, "críticos argumentam que o FMI está resgatando investidores, mais que o Brasil. Talvez. Mas se o Brasil der calote, as ondas de choque vão se espalhar muito.

Então, o FMI e o Tesouro americano vão imaginar se podem ter feito mais, ou se foram simplesmente levados por forças que ninguém pôde controlar."

O jornal financeiro britânico *Financial Times* retratou o Brasil ontem na coluna Lex. "Um real fraco deve melhorar o desempenho exportador do Brasil, ajudando a reduzir o déficit em conta corrente, derrubando as taxas de juros

FOCO DAS ATENÇÕES

Alguns exemplos do que a imprensa mundial diz sobre o Brasil

The New York Times

(Joseph Stiglitz)

“Muita coisa está em jogo: muitos pensavam que o fracasso do resgate argentino seria o último prego no caixão da estratégia de grandes pacotes de ajuda financeira. Evidentemente, estavam errados. Mas um fracasso no Brasil certamente aumentaria as dúvidas em relação a essa estratégia e enfraqueceria mais a credibilidade do FMI. O *Financial Times* pode ter exagerado apenas levemente ao insinuar que o FMI 'apostou a casa' no Brasil”

The Washington Post

(Robert J. Samuelson)

“Apesar de endossarem um superávit primário, os candidatos de esquerda criticam as políticas que o produziram. Investidores continuam receosos. A taxa de câmbio e o mercado acionário enfraqueceram. Umas das razões é que os bancos estrangeiros estão reduzindo empréstimos em dólares para empresas brasileiras (segundo o noticiário), neutralizando o empréstimo do FMI”

e reativando a taxa de crescimento anêmica. Mas o Brasil ainda é uma economia relativamente fechada, com as exportações em queda e 30% da dívida doméstica exposta a flutuações do câmbio. Mesmo se o País fosse mais aberto, a economia mundial atualmente não está recompensando os livres comerciantes."

E até mesmo no Japão a crise financeira do Brasil tornou-se um dos temas econômicos favoritos. Um editorial do *The Japan Times* destaca a "ironia" de que o "Brasil tem se comportado relativamente

bem. Desde 1999, quando a dívida começou a fugir do controle, o governo cumpriu as metas de gastos do FMI; tem um superávit primário do setor público que supera 3,5% do PIB; há uma taxa de câmbio flexível; e o Banco Central tem uma política de metas de inflação. A grande mudança, além da desaceleração global, é a perspectiva política."

"Há temores de que os dois candidatos de oposição reestruturem a dívida pública se eleitos. Ambos disseram que não farão isso, mas os mercados continuam céticos."